

PARAÍSO PSICODÉLICO

Ana Flávia Nogueira Nascimento

Sejam bem vindos ao Universo Paralelo! Na virada do ano estive por vinte dias em Pratigi (Bahia), realizando pesquisa de campo para uma futura dissertação de mestrado sobre ‘festivais de trance psicodélico’. Aqui estarei relatando aos leitores um pouco dessa experiência, relacionando-a a algumas informações relevantes ao tema.



FESTIVAL UNIVERSO PARALELLO 2004* – PISTA DE DANÇA

De 28 de Dezembro de 2004 a três de Janeiro de 2005 foi realizado nas areias brancas de Pratigi (Bahia) o Universo Paralelo, Festival de Trance Psicodélico que reuniu cinco mil pessoas de varias partes do mundo em uma celebração multicolorida preparada pelos amantes¹ da cultura psicodélica². Depois de muito trabalho feito com coração, os

¹ “Eu acredito que eles têm isso como ideologia mesmo. Porque eles fazem tudo com o coração. Nessa festa eles fizeram tudo o que podiam. É o pessoal que nos anos 70 foram hippies, eram dessa geração de

“neo-hippies” mostraram uma arte evoluída, fruto de um longo processo que vem desde os anos 60 e 70 com o movimento hippie³, quando os jovens se rebelaram contra a sociedade e reivindicaram a extensão dos direitos de livre-disposição do corpo e de autonomia sobre si próprio. Em decorrência da busca de “autonomia crítica da consciência” foram muitos os que deixaram seus países e colocaram-se a viajar pelo mundo. Algum tempo depois, em Goa (Índia), muitos viajantes se encontraram e realizaram festas psicodélicas nas areias da praia, com muito LSD (ácido lisérgico) e muita experimentação musical. Esses encontros deram origem ao “Goa Trance” e as festas de “trance psicodélico”.

Foi no final dos anos noventa, também nas areias baianas, em Arraial D'ajuda e Trancoso onde foram realizadas as primeiras festas psicodélicas no Brasil. Desde então a semente germinou e agora a árvore está dando frutos. Esse festival foi para muitos a comemoração de dez anos de trance psicodélico no Brasil. E pela primeira vez um festival brasileiro recebeu tanta atenção e investimento em arte e cultura. A diferença em relação aos outros festivais brasileiros transpareceu-se através da Zona de Preservação das Culturas (Circu-Lou), um espaço aberto para a participação e a troca, voltado para que as pessoas aprendessem com o outro. Segundo os organizadores, o Circu-Lou foi desenvolvido para fazer circular arte, informação, ideologias e filosofias. Na Aldeia Circu-Lou havia o Templo de Cura para transcender o espírito, Tipi das Artes para expandir a mente e contribuir, Tipi de Conferencias para troca de idéias e Cantinho Maia dedicado ao

contracultura. E acho que as transformações foram acontecendo com a tecnologia, mas a ideologia continuou. Eu acho que isso é o remanescente dessa cultura. E eles fazem isso mesmo acreditando que vão estar contribuindo assim para um mundo com mais preservação, com mais cultura, com mais respeito entre as pessoas. E nesse festival eles se centraram bem nesses aspectos, trazendo pessoal de fora para dar palestras sobre o meio ambiente, trazendo pessoas para tocarem, fazerem performances. O grupo de Maracatu por exemplo desenvolveu uma oficina em Ituberá para 100 crianças. Então, Muitas vezes as pessoas vem aqui atrás de tomar muita droga e aí encontra isso, encontra arte, cultura, o que pode ser muito bom.” Rayssa (Entrevista realizada durante o festival ‘Universo Paralelo 2004/05)

“Eu como organizador, estou a fim é de subverter mesmo a ordem. A história é mesmo despertarem as pessoas para a ilusão causada por essa engrenagem toda gerada por esse sistema controlador.” (Dario, organizador do festival; entrevista realizada durante o festival ‘Universo Paralelo 2004/05)

² O termo “psicodélico” é uma denominação criada pelo psiquiatra canadense Humphry Osmond, em 1953 e que foi adotado pelo movimento político-cultural dos anos 60. (Carneiro: A Odisséia Psiconáutica. Pg. 5)

³ Como expressão da “contracultura”, o movimento hippie (psicodélico) representou uma defesa política da autonomia sobre a intervenção psicoquímica voluntária contra a política oficial do proibicionismo estatal que retira do indivíduo o direito de escolha sobre a estimulação química do espírito. (Carneiro: A Odisséia Psiconáutica. Pg. 7)

Calendário das 13 Luas⁴. Em cada uma dessas Tipis aconteceram muitas atividades diárias, e havia ainda um palco livre montado para performances e apresentações circenses.



ÁREA CIRCU-LOU – Oficina de Malabares – FESTIVAL
UNIVERSO PARALELLO 2004/05

Um dia anterior à abertura oficial do festival eu estava na tenda de cura conversando com algumas pessoas quando chegou um jovem com um chapéu pontudo segurando uma mochila de pano com muito cuidado. Fizemos uma respiração e praticamos o *mantra OM* por alguns minutos. Quando terminamos o garoto tirou de dentro da mochila uma garrafa de Ayahuasca e ofereceu ao grupo. Ele contou que estava vindo do Acre, e havia recebido a missão de levar o “chá sagrado” e oferecê-lo antes do início da festa. E assim de forma inesperada e surpreendente, o primeiro contato com substâncias psicoativas que tive no festival foi com a Ayahuasca. Como estava no primeiro dia de entrevistas para o trabalho de campo, expliquei ao grupo que não poderia compartilhar daquele momento, agradei e me retirei. O chá foi servido para as oito pessoas que lá estavam. Duas dessas pessoas, estudantes de naturologia, haviam me relatado apenas dois dias antes, um fato interessante que lhes ocorreu no caminho para o festival:

⁴ www.calendariodapaz.com.br

As duas jovens saíram de Florianópolis rumo a Bahia, preparadas para pegarem carona na estrada, pois não tinham dinheiro para passagem e estavam dispostas a ter uma experiência diferente. Elas estavam mesmo decididas a irem para o festival, aonde teriam espaço (na tenda de cura) para realizarem algumas oficinas e vivencias que integram um projeto terapêutico em desenvolvimento, o qual foi aceito pela organização do evento e serviu-lhes como troca pelos ingressos. As jovens, muito espiritualizadas, pediram aos mestres que guiassem o caminho, e assim aconteceu. Segundo os relatos, durante o longo percurso elas pegaram carona com um senhor que lhes revelou ser integrante da religião Santo Daime, e estava indo para um encontro aonde iriam tomar o chá. Elas mostraram a ele um hinário, demonstrando que também participavam de rituais do Daime. No dia em que elas relataram essa experiência nós cantamos juntas um hino, e alguns dias depois o chá foi oferecido a nós três no mesmo instante.

A tenda de cura, devido a sua atmosfera de harmonia e tranquilidade atraiu também outras experiências grupais com psicoativos. No terceiro dia de festival, uma pessoa que havia gostado do ambiente e considerado-o propício para uma experiência em grupo, disponibilizou às terapeutas um pouco de Salvia Di Vinorium. Essa substancia, por ter um efeito muito rápido e causar dissociação brusca entre mente e corpo, deve ser utilizada em locais seguros, aonde a pessoa possa deitar e relaxar. Nesse sentido, esse foi um exemplo interessante que mostrou a preocupação que esse participante teve em selecionar o ambiente aonde seria utilizada a substancia, reforçando assim, o controle do grupo em relação ao uso das substancias psicoativas.



Nas noites do festival, as terapeutas responsáveis pela tenda de cura alternavam-se no plantão chamado “S.O.S Energético”, destinado a “assistência e guia em viagens interesteraciais”. Pela primeira vez uma festa brasileira ofereceu esse tipo de ajuda as pessoas que passam por ‘bad trips’, experiências de extrema confusão mental ocasionada pelo uso de substâncias psicoativas. Através da observação participante no S.O.S e também de relatos posteriores de pessoas que passaram por lá, constatei que o resultado foi muito positivo no sentido de acolher a pessoa e conseqüentemente a experiência única que estava sendo vivenciada, proporcionando um sentimento de segurança aos “viajantes”.

“ Conhecer-se melhor é naturalmente investigar muitas possibilidades novas com seu corpo e mente.” (Circu-Lou)

Na Zona de Preservação das Culturas (Circu-Lou) aconteceram duas conferências de considerável importância pois se tratava de transmissão de conhecimento acerca das substâncias psicoativas. No dia 29 de dezembro, Inuká coordenou a mesa-redonda: Xamanismo e as Plantas de Poder. Não havia mesa, todos se sentaram em círculo e ouviram

seus relatos sobre as experiências passadas com os índios Kamaiurá no Alto Xingu, incluindo todo um caminho penoso, e também transformador, pelo qual passou desde que conheceu a planta de poder Ayahuasca. Ainda sobre enteógenos houve uma conferência organizada por Chris com o nome 'Enteogenia', na qual foi falado sobre o uso ritual e cerimonial de substâncias alucinógenas consideradas "mestras" por possibilitarem o acesso ao mundo espiritual e a fontes de conhecimento e sabedoria.

De acordo com MacRae⁵, as práticas xamânicas que incluem em seus rituais o uso cerimonial de 'enteógenos'⁶ são de tradição imemorial e continuam correntes entre diversos povos indígenas do continente americano, assim como entre membros da população rural mestiça ou cabocla, sendo que a partir de tempos mais recentes foram adotadas por membros das camadas médias urbanas, como vem acontecendo "por exemplo" nos festivais de trance psicodélico. Dentre as substâncias utilizadas pelos participantes que são consideradas enteogênicas, encontraram-se o cacto São Pedro, o Peiote (mescalina), cogumelos, várias espécies de cannabis, a ayahuasca (chá), e também o DMT sintetizado.

Nesse festival foi interessante observar, que o número de participantes que tem experimentado a ayahuasca fora deste contexto vem aumentando, assim como está em alta o interesse de muitas pessoas por conhecer mais sobre as 'plantas de poder'. Tanto que a ayahuasca foi o tema central de uma palestra da qual participei, e ainda foi assunto de muitas pessoas que já havia experimentado ou que estavam ansiosas para tal. Como por exemplo, alguns estrangeiros que estavam procurando possibilidades para tomarem o chá depois do festival. E em contrapartida, as substâncias mais utilizadas pelos participantes, que são o LSD e o Ecstasy receberam pouca atenção nas palestras, o que pode ser visto como uma omissão, pois seria extremamente interessante gerar mais informações e discussões sobre as mesmas entre os participantes.

Selecionei algumas frases interessantes que dizem respeito ao uso de psicoativos apenas para ilustrar:

"O uso de psicoativos é um meio para nós explorarmos nossa mente e nossa imaginação. E aqui no Brasil vocês possuem um conhecimento sobre isso, afinal, vocês têm a Ayahuasca. Porque na Europa a igreja

⁵ Mac Rae: A subcultura da Droga e Prevenção. Texto encontrado no site: www.neip.info

⁶ Enteógeno, termo proposto em 1978 pelo investigador Gordon Wasson e outros para referir-se às plantas que tem sido usadas como instrumentos sagrados de êxtase (Ott, 1995 in Carneiro: pg. 5)

fez com que o conhecimento ancestral desaparecesse. Vocês têm muita sorte que esse país é imenso e muitos conhecimentos antigos continuaram vivos. É claro que o DMT é algo natural, nós o temos em nosso corpo e na natureza. Existem muitos europeus que vem para os festivais de trance e que possuem muito interesse por essas coisas. É muito bom, porque nós temos todo esse cérebro e seria uma vergonha usar apenas uma pequena parte dele.” (Pier, holandês que estava trabalhando na produção do festival)

“Olha eu vou dizer uma coisa para vocês, não pensem que isso é para alisar não. Risos.

Mas eu acho que todas as pessoas que usam alguma substância psicoativa, vão a encontros de algo que levem a ela a um estado alterado que traga algum tipo de transe ou de mudança. Elas estão querendo por demais fazer uma conexão com o sagrado, querendo transformar a vida delas ou elas mesmas. A questão é, você abre portais com as plantas xamanicas e com as plantas de poder, você abre portais que você precisa fechar. Você tem um ritual para fazer, e você tem que fechar, não pode deixar aberto. Mas muitos usam os psicoativos e não sabem fechar o portal, daí a importância dos rituais nesse processo de conhecimento através das plantas de poder.” Inuká

“ Os índios eles experimentam substâncias assim muito “doidas”, muito mais fortes do que um LSD. E eles têm um controle a respeito dessas substancias e dessas viagens que é muito maior do que a industria farmacológica. Nossa industria farmacológica é muito recente, vem de cem anos para cá. Enquanto a maioria dessas substâncias poderosas vem sendo usadas pelos índios a milhares e milhares de anos de forma controlada através de seus rituais. Essas substancias tem um poder de promover um reencontro com a essência, mas esse encontro é muito mais profundo quando é natural, tradicional, ancestral, arcaico.” Kruntí

“Uma vez em uma miração com Ayahuasca, miração é quando você bebe a ayahuasca e você intelectualiza imagens. Então eu tive a oportunidade de beber o chá durante o dia, com o sol. E eu vi um feixe em um céu de planetas, de espíritos querendo entrar aqui na terra, a partir do dia dessa miração eu compreendi o privilégio que é poder estar aqui encarnado, poder respirar. Nós todos somos reis, temos esse direito de reinar sobre nós mesmos.” Kruntí

“Guardem isso dentro de vocês, vocês não são uns cordeirinhos, vocês são uns Leões.

Eu passei por momentos muito delicados com a Ayahuasca porque até ha muito pouco tempo ela era considerada uma planta alucinógena. E ela agora recebeu a liberação por parte da ONU para ser distribuída no mundo inteiro. Então, até a vinte dias atrás quando isso aconteceu, ela era considerada uma droga que provocava muitas alucinações, e eu vim de uma família católica apostólica românica. E com certeza para quebrar tudo isso eu fui no caminho da Rita Lee, a ovelha negra da família, havia muito preconceito. Então o caminho foi penoso, difícil, e a ayahuasca me mostrou que não somos cordeirinhos, nós somos Leões muito poderosos.” Inuká

“A Ayahuasca um dos remédios mais poderosos que existe para curar o nosso espírito. E isso eu tenho certeza. E não há como curar a carne e a matéria sem curar o espírito.” Inuká

“A droga, hoje existe um cardápio. Dentro dessa relação de experimentar há uma leitura. E dentro da relação de você usar há outra leitura. Em comparação com os anos 60 e 70, hoje há um cardápio. Esse processo todo começou nos anos 60, com muito LSD, muito. E aí tem todo um discurso cultural para justificar o uso ou o não uso. Eu não quero fazer uso, porque eu tenho certeza através de tudo o que eu já li sobre os mestre iluminados, que nenhum deles fazia o uso de drogas. É como ter um pulmão limpo e começar a fumar cigarro, quando vê tem uma névoa, uma perda de energia. A mesma coisa acontece quando você se coloca no caminho da espiritualidade e faz uso de muitas substancias, você perde sua energia. Como eu poderia estar hoje aqui, eu uma mulher de quase cinqüenta anos, trabalhando meu corpo, se eu tivesse com o meu espírito embotado? Eu sou a favor da liberdade total. Cada um segue o seu livre arbítrio e usa o que quiser. Mas dentro da busca da autotranscendencia e da luz, ela de verdade não é uma boa companhia. Principalmente a cocaína, que é uma substancia altamente destrutiva.” Inuká

Ritual Psicodélico

Através da pesquisa de campo que venho desenvolvendo nos festivais de trance psicodélico constatei que por trás desses eventos, existe um ‘Movimento Global da Cultura Psicodélica’⁷, a qual dá base aos festivais que envolvem a música, a dança e o uso de variados tipos de psicoativos. O Festival Universo Paralello, ao possibilitar aos participantes um espaço destinado à troca de informações e conhecimentos, reforçou sua função como transmissor desta cultura, a qual é favorável à difusão de “conhecimento” acerca do uso de “substâncias psicoativas”. O Festival Universo Paralello pode ser pensado como um ‘Ritual Social’⁸ organizado pelos integrantes da cultura psicodélica, a qual

⁷ “Estamos buscando através da arte, do conhecimento e da espiritualidade, ampliar a consciência das pessoas para atitudes e sentimentos de amor, união, paz e respeito.” (Alexandra, artista envolvida na organização do circu-lou)

⁸ Segundo o médico Norman Zinberg, um dos primeiros a estudar o “uso controlado” de psicoativos, os ‘Rituais Sociais’ são padrões estilizados de comportamento recomendado em relação ao uso de uma droga. Eles seriam aplicados aos métodos de aquisição e administração da substancia, a seleção do meio físico e social para usá-la, as atividades empreendidas após o uso, e as maneiras de evitar efeitos indesejados. Dessa forma, esses rituais reforçariam e simbolizariam as sanções sociais, que definem se e como determinada droga deve ser usada, incluindo tanto os valores e regras de conduta compartilhadas informalmente por grupos e as leis e políticas formais que regulamentam o uso de drogas.

constitui-se tanto como “cultura” ou “subcultura”⁹ da droga, pois está difundindo entre o grupo um “conhecimento” sobre o uso de certas substâncias psicoativas; quanto como uma “cultura estética”, que voltada para a arte e para o prazer, direciona a estrutura ritual servindo-se como um meio de contextualizar o uso das mais variadas substâncias psicoativas, às quais o ser humano tem acesso nos dias atuais.

Como um ritual do mundo contemporâneo, os festivais de trance psicodélico apresentam toda uma estrutura que está diretamente associada ao uso de psicoativos. A começar pela escolha do local em que se realiza a festa, costuma ser sempre em locais muito afastado dos centros urbanos, em áreas particulares de extrema beleza natural. A estrutura dos festivais também segue sempre um padrão básico que envolve: chill-out, espaço aonde as pessoas podem sentar ou deitar para descansar e ouvir um estilo musical mais tranquilo e relaxante chamado “ambient”; e a pista de dança que como o próprio nome já diz é destinado à dança, a qual é estimulada pela música trance psicodélica, que atinge frequências elevadas a até 150 bpm por minuto. Existe também a decoração “psicodélica” que envolve muitas cores, símbolos, formas geométricas, e luzes fluorescentes. E também acontecem as projeções de imagens visuais, as quais captam a atenção das pessoas, e podem direcionar a experiência, pois colocam as pessoas em contato com muitos simbolismos e mensagens implícitas através das imagens e formas. Nesse contexto, é interessante observar, como todos esses elementos podem ser pensados como direcionadores das experiências com substâncias psicoativas, e a partir disso buscar compreender o significado atribuído pelo grupo ao uso dessas substâncias.

⁹ De acordo com Howard Becker, as idéias que o usuário tem sobre a droga influenciam como ele as usa, interpreta e responde a seus efeitos, nesse sentido, a natureza da experiência depende do grau de conhecimento disponível ao usuário. E já que esse saber é função da organização social dos grupos onde as drogas são usadas, os efeitos dos usos irão, portanto, se relacionar a mudanças na organização social e cultural. O autor denomina esse “conhecimento” como gerador da “cultura” ou “subcultura” da droga. (Becker 1976)

Arte em Transformação

Como relatou (em entrevista) o artista Marcelo Jaz: “esse é um movimento estético e artístico. É estético e possui um código. O código é baseado nesse ambiente que agente cria na festa; de somos todos amigos , estamos aí querendo o bem do planeta, estamos prestando atenção no nosso corpo, na nossa mente, e na espiritualidade. Falando basicamente é isso. Não existe uma linguagem. As pessoas têm um nível de comunicação mais sensível. Por mais que as pessoas não falem a outra língua, elas querem entender a outra língua, são pessoas mais predispostas ao diferente.”

De acordo com Morin, o estado estético é um transe de felicidade, de graça, de emoção, de gozo e de felicidade. A estética é concebida aqui não somente como uma característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo, *aisthètikos*, de *aisthanesthai*, “sentir”. Trata-se de uma emoção, uma sensação de beleza, de admiração, de verdade e, no paroxismo, de sublime. A estética aparece não somente nos espetáculos ou nas artes, entre os quais estão; a música, o canto, a dança, mas também nos odores, perfumes, gostos de alimentos ou bebidas; assim como origina-se no espetáculo da natureza, no encantamento diante do oceano, da montanha, do nascer e por do sol. (Morin 2002, pg. 132)



O artista Marcelo Jaz¹⁰ pintando mural para decoração do Festival Universo Paralello - “As minhas referências são retiradas principalmente do eletrônico, do cibernético, e da natureza. Isso baseia muito o meu foco de criação, o que a cidade e o meio urbano traz, com o que a natureza trás. Só que tudo isso tem que virar uma linguagem, então nessa hora ou você pega um molde pronto, ou deixa fluir. E para fluir é sempre caótico. Então é preciso delinear um pouco o caos, formulando alguns conceitos básicos, uma palavra, um símbolo. Quando eu quero falar de uma coisa eu uso inseto, de outra eu coloco bolinhas, que para mim são partículas de egos, de eu. Condensações de realidade. Seja um átomo uma consciência. Uma dimensão nela mesma. Eu tento conversar através da pintura. E a conversa tem movimento, está ali para dizer uma coisa só, interligada. Mas o que falta: a ideologia. E a ideologia é basicamente a liberdade de falar desses assuntos. Liberdade de falar de espiritualidade, de física, de psicologia, de drogas. E poder colocar isso para uma posterior dialética. Colocar isso em evidência. Para quando as pessoas estão abertas no transe da música, e da droga, e do ambiente em si da festa, elas perguntem mais sobre aquilo que elas estão vendo, sobre o que está acontecendo. E indaguem, pensem coisas aleatórias sobre o que vier espontaneamente à mente.” Marcelo Jaz



Decoração da Pista de Dança do Festival Universo Paralello 2004 – Artistas envolvidos: Joe Nishimura, Anderson Miti Yuki Tanaka, Marco Aurélio De Nardo, e Marcelo Jaz

¹⁰ Marcelo Jaz desenvolve em parceria com o artista multimídia Charlie Oliveira, o projeto ‘Synthetic Sapiens’ que pode ser conhecido no site: www.syntheticssapiens.com

Em relação à decoração, essa é criada e desenvolvida para o momento do ritual, e apresenta uma estética que envolve muitas cores, símbolos e formas geométricas. A estética psicodélica serve-se de estímulos que prendem muito a atenção das pessoas, tornando-se assim uma eficiente forma de direcionar a experiência com os psicoativos. Em um festival de trance, o ambiente é preparado para receber as pessoas e suas respectivas experiências. A decoração desse festival por exemplo contava com 15 estrelas¹¹, algumas delas tinham 5.5 metros e eram cobertas com papel holográfico, o qual reflete um arco-íris de cores. O design das estrelas, possibilitava que elas girassem constantemente com o vento, dando uma incrível sensação de movimento. Havia uma libélula¹² de 5 metros de corpo por 11 metros de asa, voando sobre a pista de dança. E ainda tinham panos que foram pintados especialmente para o festival, e que além de pura estética continham também conceitos e informações implícitas.

“As estrelas foram feitas a partir de duas formas poderosas, o círculo e o triângulo. O círculo é a forma geométrica mais perfeita, não acumula energia, então a energia circula, tem movimento. E o triângulo por possuir três lados, representa o equilíbrio. Porque com dois lados você sempre tem um conflito, mas com três você tem um ponto neutro, e alcança o equilíbrio. Para mim isso é geometria sagrada, você consegue explicar algo através dela. Os fractais por exemplo, nada mais são do que repetição da mesma forma.” Anderson Miti Yuri Tanaka

Como propõe Marcuse, a percepção estética é essencialmente intuição acompanhada do prazer. Esse prazer deriva da percepção que a pessoa tem da forma pura de um objeto, independente de sua “matéria” ou de seu “propósito”. Um objeto representado em sua forma pura é “belo” e é também “livre”, pois é obra da intuição e da imaginação. Essas faculdades mentais libertam o ser humano da sua escravidão em relação às dominações e constitui uma ordem voltada para as leis da beleza. O autor chegou até a considerar, mesmo que como utopia, que quando o impulso lúdico ganhasse ascendência como um

¹¹ A estrela possui a qualidade de luminar, de ser fonte de luz. Ela tem significado celeste, que faz com que seja símbolo do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou das trevas). As estrelas transpassam a obscuridade: são faróis projetados na noite do inconsciente. (Chevalier 1906; pg.536)

¹² A libélula é um símbolo admirado por sua elegância e leveza, característica que evocam a dança, a flutuação, a música e tudo o que é aéreo, vaporoso, ascensional. Sendo assim um símbolo que remete a elevação, a uma aspiração a uma vida superior. A libélula é, além disso, um símbolo do Japão, que se designa às vezes com o nome de ilha da libélula (Akitsu-shima). (Chevalier 1906; pg. 536)

princípio da civilização, esse transformaria a realidade. E essa é uma característica marcante entre alguns participantes desse movimento, pois muitos acreditam que através desses festivais podem transformar também a realidade.

“Eu não acho que por fazer esses festivais nós possamos parar a guerra no Irã. Mas se você cria uma boa atmosfera e você divide bons momentos com outras pessoas tendo liberdade de expressão. Talvez possa fazê-los pensar e torne-os um pouco mais conscientes. Olhe, tem mais de quatro mil pessoas aqui, ao criar um ambiente onde as pessoas possam conversar e compartilhar, quem sabe: elas possam passar isso para outras pessoas. É ação e reação. Quanto mais pessoas conscientes de suas ações, e de que em cada ação você mudar um pouco, então toda ação passa a ter importância nesse planeta. Mas é claro que como tudo na vida aqui também existem dois caminhos extremos, depende apenas da pessoa escolher qual seguir.” Pier, holandês responsável na produção do festival no exterior.

Ao pensar no movimento trance como expressão de uma “cultura estética”, pode considerá-lo como proposta de uma nova realidade. Na qual, a natureza e o mundo objetivo não são mais experimentados como um domínio sobre o homem (tal como na sociedade primitiva), nem como dominados pelo homem (como na civilização atual); mas pelo contrário, são experimentados como objetos de “contemplação” que libertam o ser humano da escravidão, e transforma-no em livre manifestação de potencialidades. Nesse sentido, podemos fazer uma analogia com as colocações de Schiller, pois este acreditava que a libertação do homem das condições existenciais inumanas “tem de se passar através da estética, visto ser a beleza o caminho que conduz à liberdade”. Assim sendo, o impulso lúdico é o veículo dessa libertação. Para Marcuse essa liberdade acontece quando o homem está livre para “jogar”, tanto com suas próprias faculdades e potencialidades como com as da natureza; e só “jogando” com elas é livre. (Marcuse 1966; pg. 165-166)

O circu-lou foi uma proposta lúdica, para despertar nos participantes a arte de “jogar” com o próprio corpo, com a própria imaginação, e com todas as potencialidades muitas vezes adormecidas no ser humano. Foram oferecidas muitas oficinas de arte, tais como a de mandalas, a de massinha para as crianças, a de malabares, entre outras tantas. E além dessas atividades, também aconteceram várias performances na pista de dança, que mexiam com o imaginário das pessoas. Como disse Priscila, uma das organizadoras do circu-lou: “Para mim isso é a expressão da liberdade. De mostrar quem você é. Aqui você

pode ser um personagem, seja numa roupa, seja em uma performance, você pode ser como você quiser, você pode jogar com a sua imaginação.”

Nesse sentido, a estética, como lúdica que é, retira o ser humano do estado racional e utilitário, para colocá-lo em transe, em estado de graça, de contemplação, em que o nosso ser e o mundo são mutuamente transfigurados. Morin chama esse estado de “poético”, um estado de emoção, de afetividade, realmente um estado de espírito. Esse estado pode ser alcançado na relação com o outro, na relação comunitária, na relação imaginária ou estética, e o seu ápice é atingido no êxtase. “O êxtase pode ser alcançado por todas as vias indicadas, o ritual, a possessão, o transe, a dança, a música, a fusão amorosa, os alucinógenos (era mesmo preciso que um dia uma droga se chamasse ecstasy). O êxtase é o máximo de realização de si e de superação de si, da fusão bem-sucedida de si com o outro ou com o mundo, da felicidade e da comunhão. (...)”¹³ Partindo de tais considerações, a busca da comunhão extática através dos festivais de transe psicodélico podem ser vistas como o “retorno de Dionisos”¹⁴, uma forma de resistência poética à civilização atual, uma maneira de dizer não à economia, ao tempo, às leis, ao mundo material, à igreja; e entregar-se à magia, ao imaginário, ao mito, ao jogo, ao rito, e a tudo o que está enraizado nas profundezas do ser humano.

Na noite da virada do ano, quando grande parte do grupo encontrava-se na pista de dança, o artista Charlie Oliveira realizou a projeção de imagens muito simbólicas que despertaram as forças inconscientes¹⁵ do psiquismo humano. Um símbolo que apareceu muito através de suas criações foi o da ‘Mandala’, o círculo mágico que representa o “átomo nuclear” da psique humana. A ‘Mandala’ nos remete ao nosso próprio centro, aumentando assim a introspecção, e ainda é um símbolo do movimento e da constante transição de tudo o que existe.

¹³ (Morin 2002, pg. 138)

¹⁴ Segundo Maffesoli, o “retorno de Dionisos” pode ser observado atualmente em várias manifestações transgressivas das novas gerações. Dioniso, deus “ctônico”, arraigado, terreno, é o deus da animação, das festas e da embriaguez. O seu retorno significa para o autor, a integração da sombra e da animalidade humana, através de uma socialidade que não se esgota no útil, mas que necessita sempre do elemento excessivo para sobreviver: viver em excesso. “Eis a lição do trágico: dar lugar à alegria demoníaca de viver” (Maffesoli 2003; pg. 88)

¹⁵ De acordo com Jung, as imagens simbólicas têm um aspecto “inconsciente que está fora do alcance da nossa razão. (Jung: 1964; pg. 20)

Também apareceram símbolos de diversas religiões, assim como imagens de muitos povos e culturas. Em relação a essa criação o artista Charlie Oliveira relatou o seguinte: “Esse trabalho é uma seqüência de ícones que representam quase tudo que existe de crença na terra hoje em dia, então tem um Buda, tem um indiano, tem a cruz de Davi, tem a cruz católica; tem vários elementos, tem bicho, tem planta, tem tecnologia, tem elementos orgânicos. E no final das contas passa esse conceito de tudo ao mesmo tempo, de que cada um é cada um com suas crenças, e é isso aí.”

Essas imagens também remeteram à seguinte colocação que ouvi em uma palestra sobre mitos durante o festival:

“Bom, as religiões são diferentes formas de se chegar ao mesmo caminho. E é disso que eu vim falar, que os mitos antigos na verdade eles dizem as mesmas coisas, só que com uma roupagem diferente. Então num mundo que agente vive, de computadores, de realidade virtual, é através desses símbolos que os jovens vão entender a espiritualidade. Através dos elementos do mundo que nós vivemos.” Thalita Gazola

As imagens também diziam respeito à nossa relação com a natureza e com a animalidade, visto que nas imagens haviam animais que estavam interligados aos seres humanos e às suas criações através do “terceiro olho” - o portal da visão intuitiva - mostrando que tudo o que existe está de certa forma interligado por uma energia que muitas vezes está além de nossa compreensão. Mas como mostraram as imagens do iogue e dos *chackras* – canais de energia encontrados ao longo da coluna vertebral - essa energia pode ser despertada em nosso próprio corpo através da ativação desses canais, possibilitando que a energia vital da Kundalini¹⁶ circule pelo eixo espinhal desde a base da coluna até à mente, gerando a expansão da consciência.

É claro que não são todas as pessoas que realizaram essas associações, mas é importante destacar, que as imagens e os símbolos passados naquela noite foram assimiladas e de alguma forma registradas no inconsciente dos participantes, sendo assim uma maneira de direcionar a experiência psicodélica para uma “viagem interna”, voltada para o psiquismo e para os registros ancestrais contidos na mente humana, os quais dizem respeito ao inconsciente coletivo da humanidade. Segundo Jung, o “inconsciente coletivo” é um imenso reservatório de informações da cultura e história humanas, utilizáveis por

¹⁶Ao longo da história, a Índia foi considerada um centro de conhecimento espiritual. No Rig Veda, a Kundalini é denominada Vak, a deusa da fala, sendo esta a sua prece: “Das trevas, guia-me para a luz, do irreal, guia-me para o real, da morte, guia-me para a imortalidade.” A kundalini é considerada um canal para a exploração da mente e da percepção. (Krishna 2004; pg. 15)

todos nós nas profundezas de nossa psique. E as modernas pesquisas da consciência nos mostram que através dos estados não comuns de consciência podemos acessar esse profundo território da psique humana.

Como ressalta Eliade, um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência. Para o historiador das religiões, os símbolos despertam a experiência individual e transmutam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo. Pois é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal. Ao compreender o símbolo inconscientemente, ele consegue viver o universal. Assim através de símbolos, o homem nas sociedades pré-modernas era capaz de alcançar a mais alta espiritualidade. (Eliade 2001, pg. 109) Em relação a esse mundo metafísico do qual fala o autor, ouvi o seguinte relato:

“Um festival é feito através de uma concentração de energia, para que se transforme em um portal de energia, para que as pessoas recebam uma energia muito boa, recebam luz. Nós queremos mostrar o que está dentro da gente e veio como uma mensagem a ser passada. E então transformá-la em realidade e trazê-la para esse mundo. Para que as pessoas se elevem mais espiritualmente. Para saberem que não somos só matéria, nós somos espírito, e o espírito da gente capta toda essa energia.” Joe Nishimura

A partir do ponto de vista de Eliade, entre os modernos que se proclama a-religiosos, a religião e a mitologia estão “ocultas” nas trevas de seu inconsciente. Pois a atividade inconsciente do homem moderno não cessa de lhe apresentar inúmeros símbolos e cada um em uma certa mensagem a transmitir, uma certa missão a desempenhar, tendo em vista assegurar o equilíbrio da psique ou restabelecê-la. Não pretendo aqui aprofundar nesse tema, mas apenas lançá-lo para futuras discussões. Pois o que implica neste momento é mostrar como a arte está associada a muitas dimensões, as quais envolvem questões paradoxais da natureza humana. Nesse sentido, a arte pode ser percebida nos festivais para além de seu elemento puramente estético, mas como uma manifestação de que no mundo contemporâneo, mesmo com toda a tecnologia, a arte ainda remete ao que os seres humanos possuem talvez de mais primitivo e arcaico.

Técnicas arcaicas x Tecnologia Digital

“Integramos nesses festivais as nossas raízes tribais com as mais novas tecnologias criando algo inteiramente novo e antigo ao mesmo tempo. Nesse ambiente me identifiquei com o primitivo e o moderno, com coisas que dão o contraste entre a experimentação do novo ser tão primitivo. A novidade é primitiva. O moderno é primitivo.” Marcelo Jaz

A arte como veículo direcionador da experiência tem como elemento central o estilo musical ‘Trance Psicodélico’, que mistura as batidas ancestrais do tambor xamânico com as modernas tecnologias digitais, dando expressão a sonoridades jamais ouvidas antes pelos seres humanos. Segundo Poty, músico e psicólogo que vem debruçando-se a algum tempo nos estudos sobre composição de música eletrônica e relacionando-a aos conhecimentos da psicologia, o trance é feito para muitos níveis. É feito para o corpo, pois tem elementos pulsantes que colocam o corpo em movimento, para a mente, pois tem muita tecnologia de composição que estimula a mente, e para a alma, porque herdou das filosofias orientais, não apenas os mantras e as sonoridades, mas também a espiritualidade. Para Poty, o mais impressionante é criar tudo isso com a eletricidade bruta, pois o que o computador faz é simplesmente re-organizar a eletricidade. “Mas chega uma hora em que ela é eletricidade novamente no cérebro. Então da eletricidade ela organiza e vai lá dentro para tornar-se móvel, dinâmica e real, a partir do momento em que ela emociona. Então acontecem descargas de hormônio que são reais, e ocorrem dentro do corpo através da música.” (Poty, Entrevista realizada no festival Universo Paralello 2005)

“A música é feita para a pista, não é feita para outro momento. A música é feita para despertar a emoção das pessoas na pista. Outra coisa importante é o lado das drogas, porque nas festas as pessoas estão em altos estados alterados de consciência. Então, na pista você vê gente que está em estados muito sérios, em que as emoções estão todas despertadas, os chackras estão abertos e a pessoa está ali recebendo a música. Então ela olha para você e pede: “me dá o próximo passo, me guia”. Nesse momento você tem que seguir sua intuição, e você não pode estar ali no sentido do ego, porque se não você vai tremer, seu coração vai disparar. É preciso se entregar e ver o olhinho de cada um para tocar o que as pessoas estão pedindo.” Poty

Como se pode perceber através do discurso citado acima, a música desempenha uma função muito importante, à medida que o DJ guia a experiência das pessoas através dos estímulos sonoros. Desde os tempos mais remotos os seres humanos utilizam a música em rituais como veículo para alcançar o transe. Atualmente, a música que está unindo pessoas de diversos países e culturas, em rituais de dança por todo o mundo, chama-se “trance” ou “transe”. Nos Festivais de *Trance Psicodélico* são os DJ’s que na pista de dança conduzem os momentos de arrebatamento coletivo, que caracterizam o ápice do ritual. No festival Universo Paralello, esses momentos aconteceram após a virada do ano, quando a maioria das pessoas já tinha feito o uso de uma ou mais substâncias psicoativas, e já estavam dançando há muitas horas seguidas ao som do ‘trance’ com seus múltiplos estímulos psicodélicos. No dia primeiro de janeiro, quando o sol nasceu, a pista de dança estava cheia e todos dançavam juntos em estado de transe.

Em “Music and Trance: A Theory of Relations between Music and Possession”, Rouget destaca a relação intrínseca entre a música e o transe. O autor faz questão de diferenciar os termos “êxtase” e “transe”. Utilizando o primeiro para descrever um tipo particular de estado alterado, no qual o indivíduo é mantido em silêncio, imóvel e sozinho. Enquanto o termo “transe” é utilizado para os estados obtidos por meios de sons, agitação corporal, e na presença de outros. Ou seja, para o autor, o transe está sempre associado a estímulos sensoriais, como música, barulho, cheiros, agitação, imagens, símbolos, substâncias psicoativas, etc. O autor define o “trance” ou transe, como um estado temporário da consciência, ou como a própria palavra indica, um estado transitório. A pessoa deixa o estado usual de consciência, por um certo período de tempo, e depois retorna a ele, representando a transcendência do *self* (*si-mesmo*) individual, como uma respectiva liberação¹⁷ resultante da intensificação causada pela estimulação física e mental.

De acordo com Grund, as substâncias psicoativas são principalmente utilizadas para alterarem o estado de consciência do usuário. Os estados alterados de consciência são um fenômeno universal e o uso de uma grande variedade de substâncias para alcançá-los é

7 A palavra “liberação” significa para Rouget, a liberação do “movimento potencial humano”. Ou “liberação do corpo”, termo cunhado pelo movimento bioenergético, para designar a meta dos “novos grupos de transe”. (Rouget 1985, pg. 14)

reconhecido através da história. Como cita¹⁸ o autor, provavelmente o uso de drogas começou quando nossos ancestrais entraram nas florestas e encontraram, entre os alimentos, alguns que produziam mudanças interessantes na maneira como percebiam e como se acomodavam ao mundo. Em um livro resente, “Intoxication, life in pursuit of artificial paradise”¹⁹, o psicofarmacologista Siegel considera que a motivação para alcançar os estados alterados de consciência é uma parte importante da condição humana, assim como os instintos da sexualidade, da sede, da fome. E ainda destaca que esse não é monopólio dos humanos, visto que existem muitos exemplos de animais que consomem drogas, desde insetos até búfalos aquáticos. (Grund 1993; pg. 17)

Mesmo o ser humano utilizando outras maneiras para alterar o estado de consciência, tais como a dança ritual, a respiração, etc., o uso de psicoativos sempre desempenhou um papel importante na obtenção desses estados. As sociedades podem aparentemente possuir diferentes valores a respeito do uso dessas substâncias e em relação ao papel que elas possuem na estruturação e organização da vida social. Mas, é um fato, que em todas as sociedades históricas e contemporâneas, as drogas desempenharam e desempenham papéis importantes. Os estados alterados de consciência, como coloca Grund, foram encontrados em todas as culturas humanas e estão sujeitos a muitos aspectos culturais, tais como a estilização, ritualização, e racionalização da mitologia.

Como “filhos” do mundo contemporâneo, os “neo-hippies” ou “viajantes da tribo do arco-íris” (como são chamados os integrantes do movimento psicodélico) integram em seus rituais toda uma gama de conhecimentos que vão desde “técnicas arcaicas”²⁰ até as mais recentes descobertas tecnológicas. E essa integração do ‘ancestral’ com o ‘moderno’, voltada para as experiências de estados “ampliados” da consciência é a característica central dos festivais de trance psicodélico. Nos festivais são definidas regras formais e informais de comportamento relacionado ao uso de substâncias psicoativas, que nesse contexto abarca toda uma gama de substâncias que vão desde as mais naturais encontradas

¹⁸ Aaronson B, Osmond H: *Psychedelics. The uses and implications of hallucinogenic drugs*. Cambridge: Schenkman Publishin, 1971.

¹⁹ Siegel RK: *Intoxication: life in pursuit of artificial paradise*. New York: Pocket books, 1990.

²⁰ Segundo Grof, as “técnicas arcaicas do sagrado” envolvem vários procedimentos de alteração da consciência capazes de induzir estados holotrópicos com propósitos rituais e espirituais. Esses métodos combinam, de várias maneiras, tambores e outros tipos de percussão, música, cantos, danças rítmicas, controle da respiração e formas especiais de percepção. Segundo o autor, a prática da indução de estados holotrópicos é o traço característico mais importante do xamanismo, o sistema espiritual e arte de cura mais antigo da humanidade. (Grof 1931; pg. 22)

na natureza, até as mais utilizadas que são o LSD e o Ecstasy, substâncias sintetizadas em laboratório.

Como grupo social, existem regras explícitas e implícitas de comportamento em relação ao uso dessas substâncias. Assim como definições do que é bom e do que é ruim para o grupo. Ao longo da pesquisa de campo tenho observado que a substância mais valorizada pelo grupo é o LSD, enquanto a mais desvalorizada é a cocaína. O LSD é um psicodélico, e de acordo com Marsh, a palavra “psicodélico” significa simplesmente, conforme sua origem grega: “manifestação do espírito”. Nesse contexto arrisco-me a dizer, que os festivais de trance psicodélico são rituais globais que tem como base à ‘cultura psicodélica’, a qual valoriza experiências que são por excelência subjetivas e dizem respeito ao psiquismo humano. Segundo Stalishav Grof, a maioria dos pesquisadores que estuda os efeitos dos psicodélicos chegou à conclusão de que essas drogas poderiam muito bem ser encaradas como amplificadores ou catalisadores do processo mental. “Parece que elas ativam matrizes preexistentes ou potenciais da mente humana, em vez de induzirem a estados específicos relacionados a elas próprias. O indivíduo que as ingere não experimenta uma “psicose tóxica” essencialmente sem conexão com o funcionamento da psique em circunstâncias normais: ele ao contrário lança-se a uma fantástica jornada interior na mente inconsciente e superconsciente.” (Grof 1931; pg. 20).

Em “The Pursuit of Obliviation: A Global History of Narcotics”, Davenport-Hines apresenta um panorama histórico e mostra que as milhares de substâncias proibidas atualmente eram liberadas até o início do século XX. O autor destaca que foi no século XVII, através da mudança de mentalidade, que foi introduzido o interesse pela consciência como objeto de estudo. E como conhecer a consciência? O principal veículo utilizado foi o uso de drogas. E então, depois de muitas pesquisas científicas, no século XIX a psicologia descobre que a consciência não é homogênea, mas tem substratos, camadas que devem ser vasculhadas. Nesse sentido, o uso de drogas pode ser observado como uma expressão da curiosidade pelos estados psíquicos. Pois com uma consciência mais ampla e profunda o sujeito dissocia a identidade da consciência, e esta se torna múltipla e desconhecida, ampla, a ser conhecida e investigada.

“Quando era um jovem residente de psiquiatria, foi voluntário para uma experiência com LSD, uma substância com notáveis propriedades psicoativas, descoberta pelo químico

suíço, Albert Hofmann, nos laboratórios farmacêuticos Sandoz em Basel” (Grof 1931; pg. 9). Desde então já fazem mais de quarenta anos que Grof dedica sua vida à exploração sistemática de estados não comuns de consciência. Nos anos 50 e 60 dedicou-se a ‘terapia com LSD’, e atualmente dedica-se à pesquisa com a técnica chamada ‘respiração holotrópica²¹’. De acordo com o autor, ao examinar o papel desempenhado pelos estados holotrópicos de consciência na história da humanidade, a descoberta mais surpreendente é uma gritante diferença entre a atitude da civilização industrial do Ocidente e as atitudes de todas as culturas antigas e pré-industriais em relação a esses estados. Contrastando com a humanidade moderna, todas as culturas nativas tinham os estados holotrópicos em alta estima, dedicando tempo e esforço para desenvolver formas seguras e eficazes de induzi-los. Elas utilizavam esses estados como o principal veículo em sua vida espiritual e ritual, assim como para vários outros propósitos.

No início da humanidade era assim, as tribos se reuniam em rituais, para dançar, para curar, e utilizavam também a música e as substâncias psicoativas como portais para a espiritualização e para a cura.”

Charlie Oliveira

No mundo contemporâneo os rituais já não são mais restritos a um grupo ou tribo específica e isolada. Um exemplo disso são os festivais de trance psicodélico, que reúnem milhares de pessoas dos mais variados países em celebrações acessíveis na maioria das vezes a um grupo social que possui também o acesso aos meios de informações e aos recursos tecnológicos que possibilitam a velocidade instantânea. E não importa em que país o ritual aconteça, este sempre envolve o uso de psicoativos, que continua presente nos rituais humanos, mas que nesse contexto passa a ser diferente, visto que os participantes possuem acesso a muitos tipos de substâncias, muitas das quais não possuíam ainda um contexto ritual para serem utilizadas. Nesse sentido, os festivais passam a ser uma maneira de contextualizar de forma ritual o uso dos inúmeros psicoativos disponíveis atualmente no mercado das drogas, mesmo que não seja esta a sua função a nível ideológico.

²¹ O termo holotrópico (Grof, 1992) significa literalmente “orientado para a totalidade/inteireza” (do grego holos = totalidade/inteireza e trepein = indo em direção a algo). O termo sugere que, no estado de consciência cotidiana, identificamos-nos com apenas uma pequena fração de quem realmente somos. Enquanto nos estados holotrópicos (os quais podem ser atingidos apenas através da respiração) podemos transcender as fronteiras restritas do ego corporal e reivindicar nossa identidade total. (Grof 1931; pg. 18)

Ao longo do trabalho de campo tenho observado que entre os participantes dos festivais de trance psicodélico existem tanto os que não sabem quase nada sobre a cultura²², desconhecem os simbolismos do trance e não estão despertados para relação com a arte e espiritualidade; assim como existem pessoas que estão envolvidas com essas festas e com a arte já há algum tempo, e estão voltadas para uma gama de conhecimentos e informações que dizem respeito a estados “ampliados” da consciência. Dentre esses conhecimentos, estão incluídos os estados alterados de consciência alcançados através do uso de variadas substâncias psicoativas, assim como os estados alcançados pelas culturas antigas e aborígenes, e pelas filosofias espirituais do oriente, que desenvolveram procedimentos elaborados para induzir essas experiências. A essa classe pertencem, por exemplo, diferentes técnicas de ioga, meditações utilizadas no vipassana, zen, e budismo tibetano, assim como exercícios espirituais da tradição taoísta e complexos rituais tântricos.

Como ressalta Grof, nas últimas décadas, temos observado um crescente interesse por assuntos espirituais e ele tem levado a uma extensa experimentação de técnicas de alteração da mente que podem mediar a abertura espiritual. Entre elas encontram-se vários métodos xamanísticos, práticas orientais de meditação, substâncias psicodélicas, poderosas psicoterapias experienciais e métodos desenvolvidos pela psiquiatria experimental. O autor coloca que mais e mais pessoas parecem se conscientizar de que a genuína espiritualidade baseada em profunda experiência pessoal é uma dimensão da vida de essencial importância. Pois, em vista da crescente crise global ocasionada pela orientação materialista da civilização tecnológica ocidental, fica óbvio que estamos pagando um preço altíssimo por termos negado e rejeitado a espiritualidade, uma força que nutre, potencializa e confere significado à existência.

Considerando que os festivais de trance psicodélico proporcionam experiências de êxtase (Ek-stasis) estado inefável de graça espiritual, na qual o universo é experimentado mais como energia do que como matéria, é claro que tais manifestações são pouco aceitas pela cultura ocidental materialista, a qual procurou de todas as formas destruir todos os aspectos extáticos e experimentais do mundo arcaico, tendo como forte aliada à igreja católica, que torturou e condenou a morte os seguidores das ‘religiões pagãs’, as quais eram

²² No Brasil existe o site: www.plurall.org; destinado a Cultura Trance, Espiritualidade, Ecologia e Ação Social. Em um folheto distribuído no Festival dizia: “Num Festival de Psy Trance estamos todos conectados pela P.L.U.R: Paz, Amor, Unidade e Respeito”.

voltadas para a experiência extática e concebiam toda forma de vida como sagrada. Atualmente, como o ser humano está diante de uma crise civilizacional e de um impasse frente ao futuro da humanidade justamente por ter subjugado a natureza e ter considerado a consciência e a vida como subproduto da matéria, a busca de experiências extáticas manifestada principalmente pelas novas gerações, dizem respeito a uma necessidade de atribuir sentido à vida, na medida que torna possível sair de si mesmo, do “ego encapsulado” e penetrar em toda a natureza através da exaltação dionisiaca que atrai o indivíduo subjetivo para obrigá-lo a aniquilar-se no total esquecimento de si mesmo. Como ressalta Carneiro, essa era a característica central dos cultos pagãos, contra os quais o cristianismo investiu toda a sua fúria. (Carneiro 1994; pg. 29)

De acordo com Ott, as religiões que utilizam enteógenos são consideradas como “naturais”, pois recuperam o mistério tremendo da união mística, que re-liga o ser humano com a natureza e com todo o cosmos, promovendo assim “paraísos naturais”. No século XXI, o saber científico ao resgatar o valor dessas “religiões naturais” e também o valor das experiências extáticas, conseqüentemente as disciplinas místicas que envolvem um veículo extático deixam de estar vinculadas à igreja e passam a constituir muitas esferas da vida coletiva, representando assim a crise dos valores ideológicos pela qual passa a humanidade. O autor refere-se ainda às “tecnologias espirituais artificiais”, produzidas em laboratórios, como substâncias capazes de conduzir a experiências religiosas autênticas. (Jonathan Ott; pg. 108) Não pretendo aqui entrar em discussão sobre o tema, mas apenas expor a consideração de que os festivais de trance psicodélico poderiam ser pensados como uma expressão social da busca de espiritualidade característica da nova era, que estabelece um elo entre os conhecimentos arcaicos com os mais avançados conhecimentos da ciência, voltados para viver o ‘aqui e agora’ de forma prazerosa, mas também consciente em relação à necessidade de mudança nas estratégias que ameaçam a continuidade da vida em nosso planeta, tais como a espoliação de fontes não-renováveis, poluição do meio ambiente natural, perturbação do equilíbrio ecológico e uso de violência como principal meio de resolução de problemas.



Circu-Lou – Meditação Dinâmica – FESTIVAL UNIVERSO PARALELLO 2004

(Os “procedimentos psicoespirituais sofisticados”²³, tais como a Yoga, o Tai-Chi e a Meditação tiveram práticas diárias no espaço circu-lou.)

“Tudo no Universo é uma Dança. Se agente parar para pensar, você vai ver que o mundo dança o tempo inteiro a nossa volta. A vida é uma Dança. Coisas vão, coisas vem, coisas passam, coisas sobem e descem. Você tem aí o Universo o tempo inteiro, a terra circulando e dançando. O sol circulando em volta da terra, tudo é uma dança maravilhosa. Tudo é um êxtase, é um grande sentido de existir. A magia, a magia ela está aí, a qualquer momento, para todos, só esperando os nossos sentidos ficarem afiados para ela se manifestar.

Quando eu danço, começo a respirar. Eu vou passar esse exercício para vocês sentirem. Nós temos uma maneira de levar o ar no nosso cérebro e liberar substâncias, de forma que você não precisa necessariamente fazer uso de nenhuma substância, é só respirar. Pranayama

Quando você entra em conexão com a música, e você se entrega para ela, até mesmo os menores músculos do seu corpo se divertem em contribuir. E você se sente dentro da brincadeira, da alegria, dentro da festa, dentro do prazer de estar recebendo aquilo. E você respira, e você agradece a Deus. E você respira e agradece. Libera um ‘ácido’ maravilhoso na cabeça da gente, que nós queremos é voar, não é dançar.

Nós recebemos uma cachoeira de Luz, isso realmente acontece quando fazemos o uso poderoso das substâncias que temos no cérebro. E é um êxtase maravilhoso que está à disposição de qualquer um, é você fechar os olhos e se entregar. Esse ritual de devoção é necessário. Porque quando agente abre os olhos, tudo enche. Aqui nesse lugar então tudo é tão bonito, as pessoas maravilhosas, o mar maravilhoso. Então agente tem que fechar os olhos, olhar para dentro e agradecer.” Inuká

²³ Grof 1931; pg. 27

Os precursores do movimento psicodélico no Brasil, muitos deles envolvidos na organização do ‘Festival Universo Paralello’, empenharam-se grupalmente para desenvolver a consciência ecológica, a arte, a cultura e a espiritualidade. Nesse contexto, buscando finalizar um tema que por si mesmo é infinito, visto que a música é infinita, a dança é infinita e o uso de psicoativos é infinito enquanto existirem seres humanos nesse planeta. Cabe dizer que o uso de substâncias psicoativas nos Festivais de Trance Psicodélico dizem respeito à liberdade de experimentar o corpo, a mente e o espírito em suas diversas possibilidades.

Bibliografia:

- BAILLY, GUIMARD. Mandala: A Experiência Alucinógena / Antologia. Tradução de Lígia Junqueira Caiuby. Civilização Brasileira.
- BECKER, H. Consciência, Poder e Efeito da Droga. In; H. Becker Uma Teoria da Ação Coletiva. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, pg. 181 – 204.
- CARNEIRO, Henrique. A odisséia Psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. In, site: www.neip.info
- CARNEIRO, Henrique. Filtros Mezinhas e Triacas: As drogas no mundo moderno. Ed. Xamã. São Paulo, 1994.
- CHEVALIER, Jean. Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números. Com a colaboração de Alain Gheerbrant, e André Barbaut. Tradução Vera da Costa e Silva. 11ª edição. Rio de Janeiro, 1997.
- DAVENPORT-HINES, Richard. The Pursuit of Oblivion: A Global History of Narcotics. Edited by Richard Davenport-Hines.
- ELIADE, Mircea. O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase. Tradução Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti. Martins Fontes. São Paulo 2002.
- _____. O Sagrado e o Profano: A ciência das religiões. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2001.

- GROF, Stanislav. Psicologia do futuro, lições das pesquisas modernas da consciência. Tradução de Jussara de Avellar Serpa; revisão técnica de Kiu Eckstein – Niterói, RJ: Heresis, 2000.
- _____. A Mente Holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da Consciência/ com Halzina Bennett. Tradução de Wanda de Oliveira Roselli; consultoria Da coleção, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. Além do Cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia. Tradução Wanda de Oliveira Roselli; revisão técnica Doucy Douek, Vicente Galvão Parizi. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1987.
- GRUND, Jean-Paul Cornelis. Drug Use as a Social Ritual: Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation. Rotterdam, 1993.
- JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. Edição especial brasileira. Editora Nova Fronteira. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, 1964.
- HAYES, Charles. Tripping: an anthology of true-life psychedelic adventures/ edited and with An introduction by Charles Hayes. Penguin Compass, England, 2000.
- HUXLEY, Aldous Leonard, 1894 – 1963. Moksha: textos sobre psicodélicos e a experiência Visionária. Organizado por Michael Horowitz e Cynthia Palmer; introduções de Hofmann e Alexander Shulgin; tradução de Eliana Sabino. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- KRISHNA, Gopi. Kundalini: o Caminho da Auto-Iluminação. Textos selecionados por Gene Kieffer. Tradução de Luiza Ibanez. Nova Era. Rio de Janeiro 2004.
- MACRAE, Edward. Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualísticos. In: Dependência de drogas, Seibel, S. D. e Toscano Jor., A. São Paulo, Editora Atheneu, 2001, 25 – 34.
- MAFFESOLI, Michel. O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.
- MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. 4ª edição. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1969.
- MORIN, Edgar. O método 5: a humanidade da humanidade, a identidade humana. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- OTT, Jonathan. Paraísos Naturales. In: Los enteógenos y la ciencia. Nuevas aportaciones científicas Al estudio de las drogas. Prólogo y edición de Josep Maria Fericgla. Los libros de la liebre de Marzo.
- ROUGET, Gilbert. Music and Trance. A Theory of the Relations between Music and

Possession. Translation from the French revised by Brunhilde Biebuyck in c
Collaboration with the author. The University of Chicago Press, 1985.

*Fotos e entrevistas realizadas por Ana Flávia Nogueira Nascimento